



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

LEINE DE OLIVEIRA

**RELATIVIZAÇÃO DO ERRO A PARTIR DO CONCEITO DE GÊNERO
DISCURSIVO:
uma análise da revisão de folhetos publicitários**

Brasília
outubro / 2006

LEINE DE OLIVEIRA

**RELATIVIZAÇÃO DO ERRO A PARTIR DO CONCEITO DE GÊNERO
DISCURSIVO:
uma análise da revisão de folhetos publicitários**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília (UNICEUB/ICPD), como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Texto e Discurso.

Orientadora: Professora M.Sc. Francisca Cordélia Oliveira da Silva.

**Brasília
outubro / 2006**

Ao meu querido e saudoso pai,
Antônio Cunha de Oliveira (*in memoriam*).

Agradecimentos.

Agradeço à Professora Mestre Francisca Cordélia Oliveira da Silva a orientação sábia e paciente.

Agradeço a meus filhos, Caius Julius e Lívia, a minha irmã, Ane Cláudia, e a minha mãe, Maria, as palavras de estímulo e a presença alegre e carinhosa em minha vida.

Agradeço a meu chefe e amigo, Victor Hugo, a compreensão e o apoio.

Agradeço a Deus a oportunidade do curso.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a noção de erro no uso da língua portuguesa com base no conceito de gênero discursivo. Seu objetivo é observar a necessidade de relativização da concepção tradicional de erro e a impropriedade da aplicação incondicional das rígidas normas gramaticais da variante padrão da língua em revisão de texto. Nesse sentido, são estudados os textos publicitários *Vidente do amor* e *Canto do oriente*, ambos de autoria desconhecida, e apresentadas duas propostas de revisão, uma esteada nas regras da gramática prescritiva; outra apoiada em fundamentos lingüísticos arejados pela incorporação do social e do cultural no julgamento do certo e do errado no emprego da língua. A idéia de uso da língua como prática social, desenvolvida nos estudos sobre gênero discursivo, propiciou o surgimento de uma visão menos preconceituosa das variedades de língua ao relacionar diferentes escolhas lingüísticas ao contexto de manifestação do enunciado e ao objetivo do locutor.

Palavras-chave: 1. Erro; 2. Gênero discursivo; 3. Revisão de texto.

ABSTRACT

The present paper is a study about the notion of errors in the usage of Portuguese language, based on the concept of discursive genre. Its aim is to observe the need of a relative analysis of the traditional conception of error and the impropriety of unconditional application of rigid grammar rules of standard language when reviewing a text. In this sense, the advertisements *Vidente do amor* and *Canto do oriente* (*Love Clairvoyant* and *Eastern Song*) are studied -both of unknown authorship- and two proposals for revision are presented, one focused on prescriptive grammar rules, another supported by linguistic fundamentals freshened by the incorporation of social and cultural aspects to the judgement of right and wrong on the language usage. The idea of language usage as a social practice, developed on studies about discursive genre, has allowed the appearance of a less prejudiced view of language varieties when relating different linguistic choices to the enunciation context and to the speaker's objective.

Key words: 1. Error; 2. Discursive genre; 3. Text revision.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
INTRODUÇÃO.....	7
1 ERRO E GÊNERO DISCURSIVO.....	10
1.1 Erro.....	10
1.1.1 Conceito de erro segundo a gramática.....	10
1.1.2 Conceito de erro segundo a lingüística.....	13
1.2 Gênero Discursivo.....	16
2 <i>CORPUS</i>	18
3 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	20
3.1 O gênero discursivo em <i>Vidente do amor</i> e <i>Canto do oriente</i>	20
3.2 Análise de possíveis “erros”, do ponto de vista discursivo, encontrados nos textos <i>Vidente do amor</i> e <i>Canto do oriente</i>	22
3.2.1 Recursos gramaticais.....	23
3.2.1.1 Concordância com verbo na passiva pronominal.....	23
3.2.1.2 Alternância entre as pessoas do discurso.....	27
3.2.1.3 Concordância de número.....	30
3.2.2 Recursos lexicais.....	33
3.2.3 Recursos fraseológicos.....	38
3.2.4 Ortografia.....	42
4 PROPOSTAS DE REVISÃO DOS TEXTOS EM ESTUDO.....	44
4.1 Baseada nas normas gramaticais.....	44
4.2 Baseada no conceito de gênero discursivo.....	46
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é observar que revisão de texto ultrapassa a simples tarefa de correção gramatical, implicando a análise do gênero a que pertence o texto e da possível intencionalidade do autor na desobediência às regras ditadas pela norma padrão, assim relativizando o rígido conceito tradicional de erro.

Ao revisor cabe detectar e corrigir falhas de modo a livrar o texto de impropriedades e equívocos em sua estrutura e em seu conteúdo que lhe prejudiquem o entendimento. A tarefa, no entanto, não é simples, uma vez que a avaliação do certo e do errado no texto é complexa e um tanto quanto subjetiva.

A idéia de subjetividade na detecção de erro aparentemente conflita com a noção usual de revisão como o ofício de ajustar o texto às rígidas regras da gramática normativa para que seja considerado bom e correto. No entanto, cumpre observar o desenvolvimento da lingüística, que, ao estender sua atenção aos aspectos cultural, social e geográfico, determinantes na constituição dos diferentes falares de uma mesma língua, desfez a simplista e preconceituosa bipolaridade entre certo e errado. Como, porém, determinar o que é possível ou necessário corrigir, em suma, como definir erro?

Na reflexão sobre o questionamento levantado, apresentarei no Capítulo 1 os fundamentos teóricos que nortearam a análise do *Corpus*, expondo os conceitos de erro e gênero discursivo.

Iniciarei com a noção de erro segundo a gramática. Abordarei os pontos de vista de dois renomados pesquisadores da língua portuguesa, Cunha e Bechara,

e os conceitos de diversidades lingüísticas diatópicas, diastráticas e diafásicas, analisados por Bechara em sua gramática.

Em seguida, apresentarei a concepção da lingüística, com o conceito de erro exposto, primeiramente, por Crystal em seu *Dicionário de lingüística e fonética*, com ênfase na distinção entre falhas de desempenho e de competência, e, em segundo lugar, por Dubois *et al.* em *Dicionário de lingüística*, observando a menção do aspecto social como determinante na definição do desejável e do correto em termos lingüísticos.

Por fim, chegarei à noção de gênero, que, resultante e criador da ação social, estudado por diferentes áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Antropologia e Lingüística, é determinado pelo objetivo que quer atingir o autor/locutor, tendo na manifestação lingüística apenas uma de suas expressões.

O conceito de gênero será abordado segundo Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, observando o emprego da língua em enunciados que refletem as condições próprias e os objetivos de cada campo de atividade, com menção a Marcuschi e Schneuwly.

No Capítulo 2 apresentarei os textos que constituem o *corpus* do presente trabalho, respeitando o mais possível o *layout* original, excluídas as figuras ilustrativas.

A partir dos aspectos teóricos expostos, norteadas pelo princípio da inexistência de manifestação discursiva neutra e isenta, defendido pela Análise Crítica do Discurso, analisarei, no Capítulo 3, a construção dos textos *Vidente do*

amor e *Canto do Oriente*, o primeiro escrito em nome de Dona Janaina, o segundo em nome de irmã Vitória, ambos de autoria desconhecida e veiculados em prospectos, no que diz respeito às escolhas lingüísticas, muitas vezes em desacordo com a norma padrão, salientando a eficácia dos textos na produção dos efeitos possivelmente desejados pelos autores.

No Capítulo 4, apresentarei duas propostas de revisão para cada um dos dois textos que constituem o *corpus* do presente estudo, uma esteada nas regras da gramática prescritiva; outra apoiada no conceito de gênero discursivo. As sugestões constituem montagens dos textos a partir das análises feitas no Capítulo 3.

Por fim, vale observar que as reflexões sobre gênero e flexibilização do erro desenvolvidas no presente trabalho podem e devem transcender a revisão de textos, pois, aplicadas ao relacionamento entre indivíduos, podem ampliar nosso campo de visão no julgamento que, voluntária ou involuntariamente, a todo instante fazemos de pessoas e fatos e ajudar na superação de preconceitos.

1 ERRO E GÊNERO DISCURSIVO

Este capítulo consiste na apresentação dos fundamentos teóricos da monografia. Serão estudados os conceitos de erro e gênero discursivo.

1.1 Erro

A noção de erro no uso da língua apresenta variações conforme seja abordada pela gramática, geralmente conservadora e coercitiva, ou pela lingüística, mais liberal e inclusiva.

1.1.1 Conceito de erro segundo a gramática

Apesar do rigor que nós, falantes de Língua Portuguesa, a todo instante aplicamos no julgamento do que dizemos ou escrevemos, alguns estudiosos da língua que descrevem detalhadamente a variedade padrão desaconselham o rigor excessivo das regras gramaticais clássicas no julgamento do certo e do errado. Exemplos são Bechara e Cunha, que, em *Moderna gramática portuguesa* e *Nova gramática do português contemporâneo*, respectivamente, dedicaram ao assunto algumas páginas em suas considerações iniciais.

Para tratar do tema, Bechara (2004, p. 37) parte da distinção entre língua histórica e língua funcional. Segundo o autor, língua histórica é:

(...) a língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio lingüístico.

Sua natureza cultural e histórica lhe confere alto grau de variação interna, pois diferentes são as tradições culturais nas várias comunidades de falantes em um

mesmo momento ou ao longo da história. Assim, considera-se a língua histórica não um sistema único, mas um conjunto de sistemas, com semelhanças e divergências gramaticais e léxicas (BECHARA, 2004, p. 37). Conforme se manifestem no espaço geográfico, no estrato sociocultural, ou no estilo ou aspecto expressivo próprio de cada modalidade de expressão de uma língua, são as diversidades denominadas, respectivamente, diatópicas, diastráticas e diafásicas. Já a relativa uniformidade nos mesmos aspectos denomina-se, respectivamente, sintópica, sinstrática ou sinestrática e sinfásica.

Língua funcional Bechara (2004, p. 38) define como “uma realidade lingüística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo”. Em suma, é a modalidade que de fato se realiza como meio de comunicação e expressão em determinado contexto. Como múltiplas podem ser as variedades diatópicas, diastráticas e diafásicas, também diversas são as manifestações sintópicas, sinstráticas e sinfásicas passíveis de serem tomadas como línguas funcionais de uma língua histórica.

Para Bechara, a noção de erro está relacionada aos conceitos acima descritos. Segundo o autor, é preciso distinguir “o *exemplar do correto*”, relativos a planos conceituais diferentes. Exemplar é “uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é correto nem incorreto”. Correto, que constitui um juízo de valor, refere-se à conformidade de determinado fato “com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária” (2004, p. 51, 52).

Cunha e Cintra (1985, p. 6-7) mencionam duas atitudes extremadas em relação à definição do certo e do errado, a dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e a dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais.

Radicais, ambas as correntes são refutadas pelos renomados gramáticos, que recomendam posição intermediária moderada, baseada nos conceitos lingüísticos de sistema e norma, que implicam maior liberalismo gramatical. Segundo eles, citando Jakobson (*apud* CUNHA; CINTRA, 1985, p. 7), “cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente”. Conseqüentemente, concluem Cunha e Cintra (1985, p. 7), “Se uma língua pode abarcar vários sistemas (...) pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema lingüístico”.

Lembrando a possibilidade de variação da norma em uma mesma comunidade lingüística de um ponto de vista diatópico, diastrático ou diafásico, em consonância com o que afirma Bechara sobre línguas funcionais de determinada língua histórica, conforme mencionado anteriormente, recomendam Cunha e Cintra a adoção do conceito lingüístico de norma, que implica maior liberalismo gramatical e aceitação do dinamismo do idioma português, sempre enriquecido com novas contribuições dos falantes dos diversos países que integram a comunidade de fala portuguesa.

Por fim, assumem Cunha e Cintra (1985, p. 8) postura flexível ao estabelecer a aceitabilidade social como o principal critério a ser considerado na

definição do certo e do errado: “Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância”.

Como se vê, mesmo gramáticos observam a complexidade e subjetividade da questão e, refletindo o avanço dos estudos lingüísticos, recomendam flexibilidade na definição do correto. Entretanto, tal percepção não chega a impregnar o corpo de suas gramáticas de modo que influencie significativamente o ensino da língua e, conseqüentemente, a visão da sociedade a respeito do tema. É bom lembrar que são gramáticas como as dos autores mencionados a fonte de estudo e pesquisa de candidatos em concursos e de estudantes do ensino regulamentar, portanto, poderoso instrumento de divulgação das idéias discutidas no meio acadêmico.

Exemplo é o tratamento dispensado ao imperativo tanto por Bechara (2004, p. 237) quanto por Cunha e Cintra (1985, p. 465). Nem um nem outro admite a opção de uso corrente no falar de brasileiros de baixo e alto nível de escolaridade, ou seja, o emprego da forma oriunda do presente do indicativo para todas as pessoas no imperativo afirmativo e no negativo.

1.1.2 Conceito de erro segundo a lingüística

O estudo do erro pela lingüística a partir de diferentes pontos de vista, próprios de cada uma de suas áreas — psicolingüística, sociolingüística, lingüística histórica, etc. —, contribui para a flexibilização do conceito baseado nas normas gramaticais da variedade padrão, já naturalizada como a única correta e merecedora de prestígio.

Mencionarei os conceitos apresentados por Crystal, Dubois *et al* em seus dicionários de lingüística e algumas reflexões expostas pela sociolingüista Scherre em *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*.

Em *Dicionário de lingüística e fonética*, Crystal (2000, p. 95-96) apresenta dois conceitos de erro. O primeiro, usado na psicolingüística, refere-se a “falhas ocorridas na escrita ou na fala espontânea atribuíveis a um mal funcionamento dos comandos neuromusculares do cérebro”; o segundo, concernente ao ensino e aprendizado de línguas, consiste nas “formas inaceitáveis produzidas por alguém que esteja aprendendo uma língua estrangeira”. Nesta última acepção, distingue o autor erros de outros tipos de enganos, estes causados por limitações no desempenho; aqueles reveladores do nível de competência alcançado por um falante.

Dubois *et al* (2001, p. 159) introduzem o aspecto social ao tratar de erro e correção. Afirmam os autores: “Diz-se que um enunciado é *correto* quando está de acordo não só com a gramática da língua, mas com as regras do ‘bem dizer’ fixadas por uma camada social geralmente reduzida, mas socialmente dominante”.

À idéia de correção contrapõem os autores referidos no parágrafo anterior a de gramaticalidade. Baseada num julgamento que “não depende da experiência adquirida, mas de um sistema de regras gerais interiorizadas durante a aprendizagem da língua” (DUBOIS *et al*, 2001, p. 318), a gramaticalidade situa-se no âmbito da competência do falante.

Observe-se a distinção entre falha de desempenho e de competência mencionada em ambas as obras. Pode-se afirmar que o aspecto social introduzido

por Dubois influencia no desempenho, visto que os enganos cometidos pelo falante podem resultar de seu falar natural, adquirido no grupo social em que desenvolveu seu aprendizado de língua, e provir da desobediência às normas que regem o linguajar da camada social dominante, considerado padrão. Tais enganos não ferem a língua em sua identidade e podem ser reparados pelo falante à medida que aprendam as regras daquela variedade de língua (CRYSTAL, 2000, p. 96).

Por outro lado, os casos de agramaticalidade, que transgridem regras gramaticais internalizadas por todos os falantes de determinada língua, são definidos por Crystal como erros e refletem o nível de competência do falante.

Vale ressaltar que o julgamento da gramaticalidade não abrange o conteúdo do enunciado; restringe-se às regras gramaticais comuns aos falantes de todas as variedades da mesma língua. Assim, embora inaceitável por seu conteúdo, é gramatical a frase *O menino comeu um pedaço da lua*. O mesmo não se pode dizer do enunciado *Atenção assistir com menino aula*, considerado agramatical.

No tocante ao tema em estudo, merece menção o ponto de vista de Scherre (2005, p. 139), que considera erro a agramaticalidade no sentido técnico e tem por imperiosa a necessidade de respeito a todas as variedades da língua portuguesa diferentes da definida como padrão. Em *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*, a sociolinguísta reúne resultados de pesquisas desenvolvidas tanto no Brasil quanto em Portugal sobre variações na concordância de número e no uso do imperativo na língua portuguesa que configuram sinais claros da relatividade dos conceitos de certo e errado. A autora analisa dados colhidos de textos da imprensa escrita e de falas espontâneas da

linguagem oral de pessoas de classes sociais distintas para demonstrar que a aceitação ou rejeição de variações de uso da língua decorrem de preconceito lingüístico, não sendo consideradas estigmatizantes apenas as encontradas na fala de pessoas da elite.

Cumprido ao revisor corrigir falhas tanto de competência quanto de desempenho. Considerando-se os aspectos mencionados anteriormente, pode-se dizer que a gramaticalidade do texto o profissional verifica com relativa facilidade. Já os casos de desobediência à norma estabelecida como padrão exigem cautela, conforme verificaremos no decorrer do presente trabalho.

1.2 Gênero Discursivo

Estendida para além do campo da retórica e da literatura, pela primeira vez, provavelmente por Bakhtin (1953; 2003), a noção de gênero discursivo, ou gênero textual, tornou-se aspecto essencial no estudo da comunicação verbal.

Para Bakhtin (2003, p. 262), o caráter e as formas de uso da linguagem são tão variados quanto os campos da atividade humana. Partindo da afirmação de que o emprego da língua se efetua em forma de enunciados que refletem as condições próprias e os objetivos de cada campo de atividade, referido autor desenvolve o conceito de gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados por cada campo de utilização da língua, sem desconsiderar, entretanto, que cada enunciado é concreto e único, particular e individual.

A elaboração, no uso da língua, de “tipos relativamente estáveis de enunciados” pelos diversos campos de atividade humana constitui uma prática

social. Não se trata simplesmente da criação de textos em seu aspecto formal, mas da ação do homem na sociedade. Nas palavras de Marcuschi (2002, p. 22): “Gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”.

É interessante mencionar o conceito de domínio discursivo: esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana, que, embora não constituam textos nem discursos, permitem o aparecimento de discursos bastante específicos (MARCUSCHI, 2002, p. 23). Quando se fala, por exemplo, em discurso jurídico e discurso jornalístico, está-se referindo a domínios discursivos, uma vez que as áreas jurídica e jornalística propiciam a criação de vários gêneros discursivos.

Com base nos conceitos apresentados e na discussão teórica acima empreendida, passo agora à apresentação e à análise do *corpus* selecionado.

2 CORPUS

O presente capítulo consiste na apresentação do *corpus* do trabalho, composto de dois textos publicitários divulgados em folhetos na rua a transeuntes.

Apresento-os a seguir (*ipsis verbis*), respeitando o mais possível o *layout* original, excluídas as figuras ilustrativas.

Texto *Vidente do amor*.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

VIDENTE DO AMOR

DONA JANAINA

FAÇO O QUE AS OUTRAS SÓ PROMETEM

FAZ TODOS OS TIPOS DE TRABALHO

Se você está com problemas na sua vida como: DESÂNIMO, DOENÇAS, IMPOTÊNCIA SEXUAL, FRIEZA, PROBLEMAS AMOROSOS, CASAMENTO EM DECADÊNCIA, FILHOS PROBLEMÁTICOS, MÁS CONDIÇÕES FINANCEIRAS, PROBLEMAS COM SÓCIOS, COMÉRCIO, INIMIGOS OCULTOS, TRABALHOS FEITO, dou garantia com seriedade dos meus trabalhos e solução para os seus problemas, Simpatias p/ todos os fins amarração p/ o amor, rezas e benzimentos para abrir caminhos, cortar olho grande, curas espirituais nervosismo e insônia. Trago seu amor a seus pés! Apaixonado e amarrado. Para sempre! Abro os caminhos da sorte e sucesso para os bons negócios.

JOGA-SE BÚZIOS CARTAS

Não precisa falar nada, ela fala tudo, Traz a pessoa amada em poucos dias. CONSULTA COM HORA MARCADA!!!

QNB 4 CASA 38 TAG. CENTRO FONE: 3351-0526

(DESCENDO A LOJA EVEREST)

NÃO JOGUE ESTE PANFLETO EM VIA PÚBLICA

Texto *Canto do oriente*.

1	<i>Canto do Oriente</i>
2	A ÚNICA VIDENTE 100% DE ACERTO DO DF.
3	Simpatias, benzimentos, rezas e trabalhos
4	para todos os fins, inclusive para o Amor.
5	RESULTADOS RÁPIDOS E GARANTIDOS
6	qualquer que seja o seu problema
7	com uma consulta só a
8	IRMÃ VICTÓRIA resolverá.
9	Trás a pessoa amada em 3 dias
10	Joga-se Runas
11	Tarot das Bruxas
12	Cartas – Búzios
13	NÃO COBRAMOS TRABALHOS
14	QNE 26 LOTE 14 AP. 102 AV. COMERCIAL NORTE TAG.
15	(EM CIMA DA LOJA DA ATLÂNTIDA MÓVEIS)
16	3355-2873

3 ANÁLISE DO CORPUS

Este capítulo constitui o estudo dos textos selecionados para reconhecimento e análise do gênero discursivo a que pertencem; identificação de erros e sua análise do ponto de vista do gênero discursivo identificado e do provável propósito dos autores; verificação da conformidade das escolhas lingüísticas em relação ao gênero discursivo a que pertencem.

3.1 O gênero discursivo em *Vidente do amor* e *Canto do oriente*

Os textos em análise foram retirados de prospectos distribuídos na rua. Segundo Houaiss (2001), prospecto significa “Folha de papel impressa com propaganda ou divulgação de alguma idéia, evento, produto, serviço, empresa, etc.; avulso, folha volante, folheto, volante”. Ainda que não leia o texto ou nem sequer olhe para o folheto, o receptor — geralmente pedestre e motorista abordados em semáforos — sabe que se trata de propaganda. Concorrem para a rápida identificação um conjunto de aspectos que permite a dedução do conteúdo, tais como tamanho do folheto e do texto; emprego de tipos variados na forma e no tamanho; uso de ilustrações ou fotos; entrega manual, sem comunicação oral em via pública ou semáforos.

Os textos escolhidos para estudo no presente trabalho me chegaram à mão por intermédio de minha orientadora, Profa. M.Sc. Francisca Cordélia Oliveira da Silva. Optei por estes dois especificamente — *Vidente do amor* e *Canto do oriente* — por serem do mesmo gênero e tratarem do mesmo assunto, o que me permitiu observar a recorrência de características que definem o gênero e de estratégias que se aplicam ao tema.

Interessaram-me especificamente os dois textos selecionados também porque suas semelhanças podem ser percebidas a despeito das significativas diferenças estilísticas. Em *Vidente do amor*, o autor procura conquistar o leitor chegando bem próximo a ele, envolvendo-se emocionalmente, demonstrando empatia; em *Canto do oriente*, o autor aposta na objetividade e no estilo telegráfico para eficácia no propósito de fazer-se compreender rápida e facilmente pelo leitor, mantendo-se, por outro lado, distante.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi o aproveitamento do espaço. Em prospectos de dimensões muito próximas, os autores fazem opções diferentes: num as informações são apresentadas em detalhes; noutra, em termos gerais. Ainda assim, a estrutura básica de ambos é bastante semelhante.

A distribuição de prospectos a transeuntes constitui publicidade de baixo custo e grande alcance, uma vez que muitas são as pessoas que passam todos os dias pelas ruas das cidades e baixas a qualidade da impressão e a remuneração da mão-de-obra contratada.

Para transmitir a mensagem impressa, é imprescindível que o texto do folheto seja de fácil compreensão, e as informações principais, de percepção imediata. Isso porque as pessoas que o recebem não se detêm na leitura, ocupadas que estão com seus afazeres e compromissos. Além do mais, a linguagem deve ser coloquial porque os leitores apresentam variados níveis de instrução. Portanto, o contexto de leitura e o público-alvo determinam a escolha do *layout* e dos recursos lingüísticos.

Lembrando Bakhtin, gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis” de enunciados, elaborados pelos diversos campos de utilização da língua, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo. Segundo o autor, três elementos os caracterizam: conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Os textos divulgados em prospectos com fins publicitários atendem a um objetivo específico e reúnem os três elementos citados por Bakhtin. O conteúdo temático é o produto ou serviço divulgado em texto de caráter fortemente persuasivo. O estilo, seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, é informal e telegráfico. A construção composicional, ou seja, “tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com os outros participantes da troca verbal” (SCHNEUWLY, 2004, p. 26) é a explicitada no início deste capítulo: tamanho do folheto e do texto; emprego de tipos variados na forma e no tamanho; uso de ilustrações ou fotos; entrega manual, sem comunicação oral em via pública ou semáforos. Sendo assim, pode-se afirmar que tais textos pertencem a um gênero discursivo específico, o de propaganda veiculada em prospectos, que se realiza em um domínio discursivo, o discurso publicitário.

3.2 Análise de possíveis “erros”, do ponto de vista discursivo, encontrados nos textos *Vidente do amor e Canto do oriente*

No presente item, seleciono algumas ocorrências de erros ou impropriedades reunidos nos três grupos que, conforme Bakhtin, compõem o estilo da linguagem de determinado gênero discursivo, ou seja, a escolha dos recursos

gramaticais, lexicais e fraseológicos (BAKHTIN, 2003, p. 261). Comento também alguns erros de ortografia.

3.2.1 Recursos gramaticais

3.2.1.1 Concordância com verbo na passiva pronominal

Nos casos classificados pela gramática de passiva pronominal ou sintética, que ocorrem na associação do pronome “se” a verbo transitivo direto, a língua padrão exige a concordância do verbo com o termo considerado sujeito. Assim, no exemplo 1, sendo “comprar” um verbo transitivo direto, o termo “flores” é classificado como sujeito, devendo o verbo com ele concordar.

(1) Compram-se flores.

O mesmo não ocorre quando o pronome “se” está ligado a verbo intransitivo ou transitivo indireto. Nesses casos, sendo o pronome considerado índice de indeterminação do sujeito, e o sujeito, portanto, indeterminado, o verbo fica na terceira pessoa do singular. Exemplos são 2 e 3:

(2) Precisa-se de empregados.

(3) Vive-se bem.

Entretanto, o assunto está longe de ser pacífico. Por mais intransigentes que sejam a gramática normativa e seus seguidores incondicionais, o linguajar comum e espontaneamente praticado no cotidiano dos falantes de língua portuguesa insiste em desobedecer a tal regra.

O assunto já foi objeto de análise de vários estudiosos. Abordarei no presente trabalho o ponto de vista da sociolinguísta Scherre (2005), que, em seu livro *Doa-se lindos filhotes de poodle*, ao tratar do assunto em questão, cita Nascentes, Said Ali e Mattoso Câmara, renomados pesquisadores da Língua Portuguesa.

Scherre (2005, p. 80) discorda da classificação de passiva pronominal ou sintética. Para a autora, correta é a percepção intuitiva de todos os falantes nativos do português brasileiro: a estrutura classificada como passiva sintética é, predominantemente, uma estrutura ativa de sujeito indeterminado e, independentemente da transitividade do verbo, o pronome “se” é índice de indeterminação do sujeito.

Assim, tanto em “*Compram-se flores*”, quanto em “*Precisa-se de empregados*”, ou em “*Vive-se bem*”, o sujeito é indeterminado, sendo natural o emprego do verbo na terceira pessoa do singular. Irregular é o uso do verbo no plural, em falsa concordância com o objeto direto, conforme exige a norma padrão. Talvez concorra para o emprego da concordância em desacordo com a norma padrão a ordem direta da Língua Portuguesa, na qual o sujeito precede o verbo. Para o falante nativo, construções com o sujeito posposto são incomuns e a gramática tradicional, desconsiderando essas questões, simplesmente aponta como erro aquilo que o falante produz como sentenças naturais de sua língua materna.

Na defesa de seu argumento, apresenta a autora o que chama de “intuição-lição” de “três grandes sábios falantes-pesquisadores — Antenor Nascentes, M. Said Ali e Mattoso Câmara Júnior (...)” (SCHERRE, 2005, p. 80).

Em seu livro, a lingüista cita trechos de excelentes estudos dos três grandes pesquisadores, que, embora extensos, considero oportuno transcrever:

Nas frases de sujeito indeterminado indicado pela partícula *se*, nas quais haja objeto direto no plural, o verbo por atração concorda com o objeto direto.

Ex.: Vendem-se casas.

Tais frases são de sentido ativo e não passivo. A idéia é que alguém, que não se sabe quem seja, vende casas e não que casas sejam vendidas por alguém. A prova é que na linguagem vulgar o verbo vai para o singular (NASCENTES, 1938, 261; 1959, p. 28-29 *apud* SCHERRE, 2005, p. 80).

(...) emerge, de entre as dúvidas, esta verdade incontestável: em *compra-se o palácio* e *morre-se de fome*, o pronome *se* sugere, na consciência de todo o mundo, a idéia de alguém que compra, de alguém que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear. (...) O verbo é usado na 3ª pessoa do singular, quer esteja acompanhado de objeto indireto, quer de objeto direto precedido da preposição *a* [*ama-se a Deus*]. Se porém o regímen direto não tiver preposição e se achar no plural [*doam-se órgãos*], o verbo irá igualmente para o plural, por falsa concordância (...) (SAID ALI, 1957, p. 93-99 *apud* SCHERRE, 2005, p. 80-81).

Desde o latim, a perífrase verbo-pronominal serviu para qualquer tipo de sujeito de 3ª pessoa (...).

Um terceiro modelo se encontra com verbos transitivos, com a supressão do que seria sujeito da forma ativa simples. Por exemplo, em vez de — *o menino quebrou o vaso*, o padrão — *quebrou-se o vaso*.

Tem havido incerteza e variabilidade no tratamento dessa última perífrase verbo-pronominal em português. Hesita-se entre considerá-la uma atividade em desdobramento, sem ponto de partida determinado [estrutura de sujeito indeterminado], como no padrão anterior mas que, ao contrário deste, vai recair num objeto, ou considerá-la como ponto de partida no próprio objeto, que assim se torna sujeito [estrutura de passiva sintética].

A segunda solução é que a língua literária favoreceu especialmente. Na literatura clássica chegou-se até a usá-la com um complemento indicador do agente no predicado, exatamente como se pode construir a oração nominal de participio perfeito passivo; cf. em *Os Lusíadas* (c. VII, est. 55): “*Aquí se escreverão novas histórias/por agentes que virão*”(cf.: *os soldados foram punidos pelo general*). Mesmo com a presença do indicador de agente podia aparecer, entretanto, outro tratamento, sem a concordância do verbo com o nome paciente, como na frase já repetidamente citada de João de Barros: “... *nas terras novamente descobertas primeiro se nota pelos marcantes que as descobrem os perigos do mar*”(cf. Carneiro, 2ª ed., 695) [os negritos são meus].

Na língua literária moderna, não há a presença de um complemento indicador de agente, nem sequer como possibilidade estilística (cf. Epifânio, 1918, 102). A norma é, porém, tratar o nome como paciente e pôr o verbo em concordância com ele.

Já na língua corrente, quer em Portugal, quer no Brasil, a tendência, combatida pela disciplina gramatical e o ensino escolar, é outra. O padrão espontâneo é de um verbo fixado no singular, para designar uma atividade sem ponto específico de partida, ou sujeito, mas com um ponto de chegada, ou objeto [os itálicos são meus]: já se escreveu muitas cartas, vê-se ao longo nuvens ameaçadoras, etc. (CÂMARA JR., 1976, p. 172-174 *apud* SCHERRE, 2005, p. 81).

Nos dois textos analisados no presente trabalho, observa-se a ocorrência do que a gramática considera passiva sintética: “*Joga-se búzios, cartas*” (l. 15), em *Vidente do amor*, e “*Joga-se runas, tarot das bruxas, cartas, búzios*” (l. 10-12), em *Canto do oriente*. Como se percebe, em ambos os casos, o verbo aparece na terceira pessoa do singular, em discordância com a norma padrão da língua portuguesa. Entretanto, o gênero discursivo a que pertencem os textos em estudo desaconselha a correção para a forma tradicionalmente exigida, apesar da existência de sujeito composto num e noutro.

Como exposto acima, intuitivamente os falantes de língua portuguesa percebem em tais frases casos de indeterminação do sujeito e espontaneamente usam a forma singular. Ora, constituindo os textos em análise propaganda veiculada em folhetos, é preciso que o leitor os compreenda facilmente e com eles se identifique, ou seja, reconheça-os como pertencentes a seu universo, afinal o sucesso da venda do produto — o trabalho das videntes — exige a conquista da confiança e da simpatia do futuro consulente. Sendo assim, as escolhas lingüísticas devem seguir a linguagem popular, que recomenda, nesse caso específico, o verbo no singular.

3.2.1.2 Alternância entre as pessoas do discurso

Um ponto muito interessante a ser destacado em ambos os textos é a variação nas pessoas do discurso, bastante significativa exatamente em razão do gênero discursivo. Uma análise acurada revela a possibilidade de o recurso constituir uma estratégia argumentativa do escritor para afastar-se (3ª pessoa) ou aproximar-se do leitor (1ª pessoa), angariando sua confiança, fazendo-se íntimo e partícipe de seus problemas.

Em *Vidente do amor*, o autor transita entre a 1ª e a 3ª pessoas num vaivém bastante expressivo. Na primeira linha, em letras garrafais, destaca-se o título, pequena frase nominal de efeito fortemente apelativo decorrente da associação de duas palavras eficazes na sedução do leitor: “vidente” e “amor”.

O termo “vidente” desperta curiosidade e fascínio no ser humano: conhecimento do futuro transmite sensação de controle e invulnerabilidade; capacidade de ver além do trivial, de penetrar pensamentos e sentimentos escusos confere poder. O vocábulo “amor”, por sua vez, fala à emoção, faz recordar sonhos cultivados e carências não supridas. Juntos, “vidente” e “amor” mais que atraem, aliciam o leitor.

Na segunda linha, é apresentada em destaque a vidente, Dona Janaina. A introdução de seu nome logo no início do texto personifica as impressões causadas pelo título, e o desejo oculto — inconsciente mesmo, quem sabe —, antes irrealizável, agora parece possível. Além do mais, o conhecimento do nome individualiza a imagem mental gerada pelo primeiro parágrafo, aproximando o leitor da vidente, preparando-o para a frase seguinte, a primeira escrita em 1ª pessoa.

A partir da terceira linha, alternam-se as pessoas do discurso. Escritos na 1ª pessoa estão o segundo (l. 3) e o quarto (l. 5-14) parágrafos; na 3ª pessoa, os demais.

Interessante observar a propriedade com que o escritor faz suas escolhas lingüísticas para provocar os efeitos de aproximação e de afastamento com o emprego da 1ª e 3ª pessoas respectivamente. Ambos o segundo e o terceiro parágrafos apresentam informações gerais a respeito da atividade da vidente com o emprego do mesmo verbo no início dos períodos.

O segundo parágrafo *“Faço o que as outras só prometem”* (l. 3) é um período composto por subordinação, com uma oração principal — *“Faço o”* — e uma subordinada adjetiva restritiva — *“que as outras só prometem”*. O terceiro parágrafo é um período simples — *“Faz todos os tipos de trabalho”*.

Os dois períodos têm semelhanças, apesar das estruturas sintáticas diferentes. Em ambos o verbo “fazer” remete a Dona Janaina como sujeito da ação e introduz, como objeto, suas atividades, cuja divulgação é, em última análise, o objetivo do prospecto. Entretanto, em um o autor emprega a 1ª pessoa, “faço”; no outro opta pela 3ª, “faz”. Essa escolha não parece aleatória, mas estrategicamente relacionada ao objeto. Para conferir credibilidade a Dona Janaina por sua capacidade e eficiência e conquistar a confiança do leitor, o autor preferiu a 1ª pessoa, que estabelece um diálogo direto entre aquela e este. Para introduzir um objeto menos abstrato, muitas vezes passível de aferição — *“todos os tipos de trabalho”* —, o autor emprega a 3ª pessoa, pois já não é necessário seduzir o leitor para obter sua confiança.

Em seguida, no quarto parágrafo, o texto ganha volume com o detalhamento dos objetos referidos de maneira geral nos dois parágrafos anteriores. Aqui o autor toca na intimidade do leitor, menciona problemas freqüentemente vividos pelas pessoas, mas muitas vezes dissimulados por constrangedores. Reaparece, assim, a 1ª pessoa e se restabelece o diálogo direto entre a vidente e o leitor, para consolidar a cumplicidade de Dona Janaina e seu envolvimento pessoal nos problemas do consulente.

No parágrafo seguinte, ocorre brusca interrupção no ritmo do texto. A estrutura de passiva sintética — classificação da gramática normativa — traz de volta a 3ª pessoa e imprime frieza e distanciamento no discurso. Aparece em destaque a frase “*Joga-se búzios, cartas*”, sucinta e eficaz. Pode-se considerar a hipótese de o autor empregar a passiva sintética para rápida apreensão do conteúdo pelo leitor, dado o largo uso da estrutura em anúncios de mercadorias e serviços. Aqui o produto — leitura de búzios e cartas — por si só pode atiçar a curiosidade do leitor e ser suficiente para levá-lo a consultar-se com a vidente.

Em seguida, o texto retoma sua cadência, para encerrar em 3ª pessoa. Vale notar que as afirmações “*Não precisa falar nada, ela fala tudo. Traz a pessoa amada em poucos dias*” podem sugerir ter o próprio autor vivido a experiência de consultar-se com a vidente, idéia bastante persuasiva.

Em *Canto do oriente*, por sua vez, o texto está quase todo em 3ª pessoa e apresenta a mesma ruptura provocada pela súbita introdução da passiva sintética observada em *Vidente do amor*. A exceção está no período “*Não cobramos trabalhos*” (l. 13).

A predominância da 3ª pessoa faz supor a opção por um texto mais informativo e menos persuasivo. Ainda assim, o autor não deixou de empregar a 1ª pessoa ao mencionar o custo financeiro do produto à venda. Sendo este normalmente um aspecto determinante na decisão entre a aceitação e a recusa do produto, aproximar-se do leitor tornou-se importante para transmitir-lhe a idéia de envolvimento e preocupação com o cliente.

Como se pôde observar, a alternância entre as pessoas do discurso nos textos é significativa no que respeita à persuasão do leitor e, portanto, adequada ao gênero discursivo. Dessa forma, não é recomendável sua completa eliminação. Cumpre avaliar, porém, se ela excede o bom senso, prejudicando a clareza e a estética do texto.

Para uma revisão de *Vidente do amor* sem supressão das redundâncias, sugiro o deslocamento do período da linha 4 — “*Faz todos os tipos de trabalho*” — para a linha 16, formando o seguinte o parágrafo: “*Faz todos os tipos de trabalho. Traz a pessoa amada em poucos dia.*” Com isso, as duas frases, afins no sentido, ficam próximas, dispostas da mais geral para a mais específica.

Proponho ainda a formação de um novo parágrafo com o período “*Não precisa falar nada, ela fala tudo*”, cujo foco, o leitor, difere do foco do período ao qual estava ligado anteriormente, a vidente.

3.2.1.3 Concordância de número

Como muito bem explicitou Scherre (2005, p. 16) a respeito da concordância de número:

(...) segundo a tradição gramatical da língua portuguesa, todos os elementos flexionáveis de uma construção nominal plural devem portar marcas formais explícitas de plural, por ser o português uma língua que exhibe mecanismos de concordância de número, quer nominal, quer verbal.

No texto *Vidente do amor*, há uma ocorrência de descumprimento da norma de concordância nominal. Trata-se da expressão “trabalhos feito” (l. 9).

O texto traz outros sintagmas semelhantes, todos flexionados, segundo determina a língua padrão, o que permite concluir que não se trata de desconhecimento da norma gramatical. Exemplos são: “problemas amorosos” (l. 6), “filhos problemáticos” (l. 7), “más condições financeiras” (l. 7 e 8), “inimigos ocultos” (l. 8 e 9).

Não se tratando de ignorância da regra, resta observar a possível razão da quebra do padrão seguido nas formações mencionadas no parágrafo anterior e a hipótese de intencionalidade.

O Dicionário Houaiss (2001) traz a seguinte definição para o termo “trabalho” na rubrica religião: “em cultos afro-brasileiros, esp. umbanda e quimbanda, ação ou prática ritual realizada para supostamente atingir objetivos protetivos, bons, de desenvolvimento espiritual, ou maléficos, feiticeiros”, sem mencionar a expressão “trabalho feito” como uma locução nominal ou como um substantivo composto ligado por hífen. Da mesma forma, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa não consigna o verbete “trabalho-feito”.

Interessante, entretanto, é observar o registro, tanto no Dicionário Houaiss, quanto no PVOLP, do substantivo feminino “coisa-feita” (“coisas-feitas” no

plural), cujo significado é “m.q. **bruxaria** ('prática', 'efeito', 'acontecimento inexplicável’)” (HOUAISS, 2001).

Como se vê, há semelhança entre os significados de “trabalho feito” e “coisa-feita”. Tal fato pode fazer-nos crer numa possível interferência, ainda que inconsciente, do segundo no primeiro. O plural dos substantivos compostos suscita muitas dúvidas mesmo entre os que lidam profissionalmente com a língua portuguesa. Considerando uma suposta analogia entre o substantivo feminino composto “coisa-feita” e o sintagma nominal “trabalho feito”, seria possível a percepção deste último como um bloco, um conjunto preexistente na língua, ou seja, como um substantivo composto, e compreensível a conseqüente incerteza em sua pluralização. Vale lembrar que a construção “trabalho feito” é muito comum na língua falada. Pode ser uma transposição da fala para a escrita, um descuido do autor, que conhece a regra mas não a usa.

No que diz respeito à intencionalidade, cumpre observar se a escolha lingüística é significativa para a expressividade e estratégica para o alcance do objetivo. Apesar da hipótese analisada acima, que pode influenciar tanto o autor, quanto o leitor, não me parece relevante o uso da forma singular para a compreensão do texto ou para a “conquista” do leitor. Dessa forma, não fica comprometida a mensagem se se proceder à pluralização do adjetivo integrante do sintagma nominal. Recomendável é, pois, a alteração de “trabalhos feito” para “trabalhos feitos”.

3.2.2 Recursos lexicais

Dignos de nota são o uso dos termos “benzimentos” e “*tarot*” e o emprego de determinados vocábulos ou expressões que de alguma forma contrariam o que recomenda a lingüística textual para clareza do texto escrito.

O termo “benzimentos”, empregado nos dois textos — *Vidente do amor* (l. 11) e *Canto do oriente* (l. 3) —, não aparece nos Dicionários Houaiss e Aurélio. Ambos os dicionaristas consignam “benzedura” — Houaiss menciona também a forma “benzedela” —, mas não “benzimento”. Contudo, o termo é registrado no PVOLP, assim como as duas outras formas.

Em relação à escolha lexical, é importante considerar a hipótese de o emprego do vocábulo em questão refletir a preferência de boa parte dos leitores em seu linguajar informal e espontâneo. Sendo o termo “benzimentos” compatível com as características do gênero discursivo a que pertencem os dois textos, conforme analisado no item 3.1 do presente capítulo, não há por que rejeitá-lo.

Quanto ao termo “*tarot*” (l. 11), presente no texto *Canto do oriente*, a escolha entre a forma francesa, usada pelo autor, e a aportuguesada, “tarô”, deve basear-se no critério da inteligibilidade. Uma vez mais há que se levar em consideração o gênero discursivo. Na condição de folheto distribuído na rua, repito, o texto precisa ser claro para leitores com graus de escolaridade diversos. A forma aportuguesada, “tarô”, é de pronto entendimento para qualquer falante nativo, sendo, portanto, preferível à francesa, cuja grafia é estranha a nossa língua.

O quarto parágrafo do texto *Vidente do amor* é extenso e rico em pontos a serem estudados. Como o tema deste item são os aspectos lexicais, restringir-me-ei

à análise do emprego de algumas palavras, deixando os comentários referentes à estrutura das frases para o item seguinte.

No parágrafo acima mencionado, há quatro ocorrências do substantivo “problemas” (l. 5, 6, 8 e 10) e uma de sua forma derivada adjetiva “problemáticos” (l. 7), todas no mesmo período. Em geral, repetição excessiva de palavra num texto pequeno por si só constitui ponto a ser reparado. Algumas razões podem ser aventadas para tal orientação, como, por exemplo, o fato de comprometer a estética do texto, tornar a leitura cansativa e às vezes prejudicar a clareza do argumento. No trecho em estudo, porém, mais questões devem ser consideradas em relação à repetida presença do vocábulo.

O período em que o termo aparece é composto por uma oração principal e uma subordinada adverbial condicional em ordem inversa. O vocábulo “problemas” participa das duas orações, principal e subordinada, e nesta última de sua própria caracterização. Ou seja, o que especifica a palavra de sentido amplo “problemas” é ela própria, ora qualificada por um adjetivo — *problemas amorosos* —, ou especificada por um substantivo — *problemas com sócios* —, ora como qualificadora de outro substantivo — *filhos problemáticos*.

Uma opção para “limpar” o trecho é substituir o termo em determinado local e excluí-lo em outro, bem como agrupar os qualificadores. Por exemplo: *Se você está com dificuldades na sua vida, como (...) problemas com filhos, sócios, inimigos ocultos, ou no amor, no comércio, dou (...) solução*. Entretanto, a proposta ignora a possibilidade de a repetição ser intencional, para enfatizar e chamar a atenção do leitor, o que se justificaria plenamente em razão do gênero textual,

conforme analisado anteriormente, e desconsidera o campo semântico das palavras e expressões, aspecto de suma importância para a clareza do texto.

A sugestão apresentada no parágrafo anterior agrupa os termos com base nas preposições que regem os adjuntos. Foram reunidos os problemas ligados a pessoas, especificadas por sua relação social com o consultante, pois são todos regidos pela preposição “com”; foram justapostas as dificuldades relacionadas às áreas de vivência ou atuação porque são regidas pela preposição “em”. O texto, contudo, perdeu em expressividade.

No texto original, a seqüência da apresentação de problemas obedece à proximidade semântica entre eles. O autor inicia com “(...) *desânimo, doenças, impotência sexual, frieza, problemas amorosos, casamentos em decadência, filhos problemáticos (...)*”. Em “desânimo” e “doenças”, a proximidade semântica está na idéia de mal-estar. Em “doenças”, “impotência sexual” e “frieza”, a associação está no fato de impotência sexual e frieza constituírem uma disfunção orgânica ou psicológica, portanto, uma especificação do termo genérico “doenças”. Em “impotência sexual”, “frieza”, “problemas amorosos”, “casamento em decadência” e “filhos problemáticos”, a idéia de problemas com desempenho sexual associa-se à de problemas amorosos, no sentido geral ou especificados no âmbito do casamento. Casamento lembra família, que conduz à idéia de filhos.

Prossegue o autor com “(...) *más condições financeiras, problemas com sócios, comércio (...)*”. Aqui ocorre o mesmo que o descrito no parágrafo anterior, porém a idéia básica é de finanças e trabalho: problemas com sócios ou no comércio podem causar dificuldades financeiras.

No encerramento da seqüência, estão “(...) *inimigos ocultos, trabalhos feito*”. Ora, são os inimigos ocultos quem encomenda trabalhos de magia, que, por sua vez, são uma causa possível de todos os problemas listados anteriormente.

Dessa forma, percebe-se que, embora com prejuízo da estética do texto, há lógica na seqüência devido ao campo associativo dos termos empregados, conforme ensina Garcia (1981, p. 181):

Mas as palavras se associam também por uma espécie de imantação semântica; muito freqüentemente, uma palavra pode sugerir uma série de outras que, embora não sinônimas, com elas se relacionam, em determinada situação ou contexto, pelo simples e universal processo de associação de idéias, pelo processo de palavra-puxa-palavra ou de idéia-puxa-idéia. É o agrupamento por afinidade ou analogia, que poderíamos chamar de “campo associativo” ou “constelação semântica”.

Como se vê, a introdução dos temas tratados pela vidente segue uma lógica. Entretanto, há que se analisar a escolha não apenas da ordem de apresentação dos termos, mas também dos próprios termos.

A análise da seqüência da introdução dos vocábulos e expressões que especificam os problemas tratados pela vidente revelou que o agrupamento das palavras baseou-se no critério da proximidade semântica e da expressividade. Entretanto, no emprego de termos afins, o autor desconsiderou a noção de hiponímia. A respeito do assunto, afirma Ilari e Geraldi (2004, p. 52):

A relação hiponímica é aquela que intercorre entre expressões com sentido mais específico e expressões genéricas, por exemplo, entre *geladeira, liquidificador, bateira de bolos, ferro elétrico* etc. e *eletrodoméstico*; é a relação que intercorre entre *pardal* e *passarinho*, e que verbalizamos dizendo que “todo pardal é um passarinho, mas nem todo passarinho é um pardal”.

Entre “doenças”, “impotência sexual” e “frieza” ocorre relação hiponímica. Conforme observado acima, impotência sexual e frieza constituem uma disfunção

orgânica ou psicológica, portanto, uma especificação do termo genérico “doenças”. Sendo assim, era de se esperar que não aparecessem juntas, em nível hierárquico igual. O mesmo se pode afirmar da relação entre “problemas amorosos” e “casamento em decadência”, visto que problema no casamento pode ser considerado um tipo de problema amoroso.

Novamente, no entanto, é necessário considerar o gênero discursivo e a possível intencionalidade do autor. Na condição de propaganda destinada a vender um produto de certa maneira “invasivo” e divulgada em prospectos, portanto, dirigida a pessoas de graus de escolaridade diversos, a conquista do leitor e a empatia se tornam imprescindíveis.

O autor pode ter optado por excluir os casos de impotência sexual e frieza do universo das doenças em razão da ignorância e do forte preconceito existentes a respeito do assunto. É como se, solidário, o escritor sussurrasse ao leitor o que este muitas vezes prefere ocultar.

Na distinção entre “casamento em decadência” e “problemas amorosos”, o autor pode ter objetivado enfatizar a “gravidade” dos casos de problemas no casamento — gravidade reforçada pelo emprego do termo “decadência”, de forte apelo emocional —, refletindo valores culturais do povo brasileiro altamente influenciados pela religião, tais como indissolubilidade do casamento e da família.

Ademais, ambos os casos estudados nos dois parágrafos anteriores tratam de aspectos altamente ideológicos e persuasivos, uma vez que todos têm ou tiveram problemas nessa área.

3.2.3 Recursos fraseológicos

O aspecto relacionado a recursos fraseológicos é o que me parece requerer maior intervenção do revisor, especialmente no texto *Vidente do amor*.

No período composto por subordinação “Se você está com problemas (...) e solução para os seus problemas” (l. 5 a 10), aparecem, nesta ordem, uma oração subordinada adverbial condicional — “Se você está com problemas (...) inimigos ocultos, trabalhos feito” (l. 5 a 9) — e a oração principal — “dou garantia (...) para os seus problemas” (l. 9 e 10).

A intervenção que considero recomendável no trecho acima é a inversão dos núcleos do objeto direto da oração principal: *dou solução para os seus problemas e garantia com seriedade dos meus trabalhos*. A ordem sugerida imprime maior clareza ao período por respeitar a seguinte seqüência natural: se o leitor tem problemas, a vidente dá solução para eles e garantia de seus trabalhos, ou seja, da solução oferecida. Em suma, primeiramente se resolve a questão pendente “se você está com problemas” em “dou solução para os seus problemas”; em segundo lugar, reforça-se a idéia de solução com a garantia dos trabalhos executados, especificados em seguida.

O período seguinte — “*Simpatias p/ todos os fins (...) insônia*” (l. 10 a 12) — traz a especificação dos trabalhos da vidente em estruturas essencialmente nominais — que poderiam integrar o período anterior, não fosse ele tão longo —, interrompidas pela introdução das adverbiais reduzidas finais “para abrir caminhos, cortar olho grande”. As estruturas nominais consistem em uma seqüência de substantivos quase todos ligados pela preposição “para” a seus adjuntos, estes em

sua maioria também substantivos, com exceção das reduzidas finais mencionadas acima.

Merecem comentário no período em questão as duas exceções descritas acima — ausência da preposição “para” na última seqüência e presença das reduzidas finais —, que constituem quebra de paralelismo sintático. A esse respeito, afirma Garcia (1981, p. 28): “(...) a idéias similares deve corresponder forma verbal similar. Isso é o que se costuma chamar *paralelismo* ou simetria de construção”. E adiante: “(...) não se podem coordenar duas ou mais orações, ou termos delas, que não comportem constituintes do mesmo tipo, que não tenham a mesma estrutura interna e a mesma função gramatical (...)” (GARCIA, 1981, p. 34).

A falta de paralelismo devido à ausência da preposição “para” é de fácil solução. No trecho em análise, os adjuntos ligam-se aos substantivos que discriminam os trabalhos realizados pela vidente por intermédio da preposição “para”, a não ser em “*curas espirituais nervosismo e insônia*”. A falta da preposição prejudica a clareza do texto, sugerindo, à primeira vista, por analogia com as estruturas anteriores, serem “nervosismo” e “insônia” trabalhos oferecidos pela vidente. Trata-se de um erro gramatical, mas é interessante observar que neste caso a noção de paralelismo, naturalmente intuída pelo leitor, conduz a uma interpretação equivocada e inaceitável. O acréscimo da preposição “para” — *curas espirituais para nervosismo e insônia* — distingue os adjuntos, desfazendo a incoerência da primeira interpretação e os iguala aos anteriores, recompondo o paralelismo sintático.

A presença das orações subordinadas adverbiais reduzidas finais, entretanto, constituem caso delicado. Se, por um lado, a quebra da estrutura

sintática com a introdução das reduzidas pode induzir a outra associação equivocada — “curas espirituais” como objeto direto do verbo “cortar” —, logo descartada por ilógica; por outro, a substituição de “abrir caminhos, cortar olho grande” por expressões nominais não é tarefa simples. Os sintagmas “abrir caminhos” e “cortar olho grande” podem ser considerados frases feitas, de uso comum e sentido restrito. A substituição dos verbos “abrir” e “cortar” por substantivos, “abertura” e “corte”, torna a frase estranha e até imprópria; sua manutenção favorece o entendimento do leitor e respeita o gênero discursivo. Sendo assim, parece-me preferível respeitar a opção do autor.

Considero recomendável, no entanto, como medida atenuadora da quebra no ritmo do enunciado, que semelha um anacoluto, a inversão dos elementos, agrupando os nominais no início do período e posicionando os verbais no fim dele: *Simpatias para todos os fins, amarração para o amor, curas espirituais para nervosismo e insônia, rezas e benzimentos para abrir caminhos e cortar olho grande.*

Apesar da força que frases nominais imprimem ao discurso, sugiro também o acréscimo do verbo “fazer” na 1ª pessoa do singular antes da seqüência dos trabalhos oferecidos pela vidente proposta no parágrafo anterior: “Faço simpatias (...) cortar olho grande” (l. 10 a 12). A medida uniformiza os enunciados, pois a extensa frase nominal, rodeada de estruturas verbais, está solta dentro do parágrafo — este também muito longo —, que não proponho desdobrar em quatro em razão da exigüidade do impresso.

Logo adiante, em “*Abro os caminhos da sorte e sucesso para os negócios*” (l. 13 e 14), verifica-se outro caso de quebra de paralelismo. O verbo “abrir” não admite o termo “sucesso” como complemento. Logo, não se pode coordenar os objetos diretos “os caminhos da sorte” e “sucesso para os bons negócios”. A solução, perfeitamente adequada ao gênero discursivo, é introduzir outro verbo, deslocando a coordenação para o nível oracional: *Abro os caminhos da sorte e garanto sucesso para os bons negócios*.

Outro aspecto fraseológico a ser observado é o emprego da locução “cem por cento” em *Canto do oriente* — no texto grafada com algarismos: 100%. Almeida registrou a locução em seu *Dicionário de questões vernáculas* (1981, p. 51) como variante de “cento por cento”, ilustrada pelo seguinte exemplo: “Ele é *cento por cento* correto”.

O Dicionário Houaiss (2001) consigna a locução como de uso informal com o sentido de “de modo integral”, “totalmente”, acrescida da seguinte observação:

a loc. é empr. precedendo um adjetivo referente a uma boa qualidade, p.ex. *c. por cento confiável*, *c. por cento justo*, ou a um sintagma adjetivo, p.ex. *está tudo c. por cento em ordem*; ou empr. apositivamente, subentendendo-se um adjetivo ou um sintagma adjetivo elíptico, p.ex. *ele é um cara c. por cento (confiável ou generoso ou correto etc.)*.

Em *Canto do oriente*, a locução aparece na frase “*A única vidente 100% de acerto do DF*” (l. 2). O uso de algarismos no lugar de palavras se justifica pela economia de espaço que possibilita e, principalmente, pelo efeito visual que provoca. Como um logotipo que remete o leitor ao campo das finanças pessoais, diariamente explorado em razão das diversas aquisições que precisa fazer até mesmo para sua sobrevivência, o recurso facilita e agiliza a compreensão da

mensagem. Embora não recomendável em textos menos informais, a opção adapta-se bem ao gênero discursivo do texto.

A estrutura, porém, carece de ajuste. Como se observou acima, a locução, seguida de adjetivo ou locução adjetiva, qualifica o sujeito. Assim, a frase encontrada em *Canto do oriente* deveria assemelhar-se a “A única vidente do DF 100% precisa”, uma vez que a expressão “de acerto” não pode referir-se ao núcleo do sujeito, “vidente”. Não obstante, assim modificada, a frase é pouco expressiva e vaga na afirmação de que a vidente não erra em suas visões e previsões.

Intervenção mínima na estrutura da frase para manutenção do sentido é, por exemplo, o deslocamento, imprescindível, do adjunto “do DF” para próximo do termo que ele modifica e o acréscimo da preposição “com”. Assim ficaria a frase: “A única vidente do DF com 100% de acerto”. A alteração, todavia, não satisfaz porque a locução “de acerto” exige um complemento, por exemplo, “em suas visões”, ou “em suas palavras”, ou “em suas predições”. Ademais, a nova estrutura não condiz com a registrada tanto por Almeida quanto por Houaiss. Vale ressaltar, por outro lado, que essa opção é de uso corrente no linguajar popular e compatível com o gênero discursivo; portanto, justificável é sua escolha.

3.2.4 Ortografia

Em relação à ortografia, três casos merecem menção nos textos em estudo: em *Vidente do amor*, falta de um “s” na palavra “sucesso” (l. 14); em *Canto do oriente*, grafia com “s” final do verbo trazer na terceira pessoa do singular, “trás” (l. 9), e grafia do vocábulo “Amor” (l. 4) com inicial maiúscula.

Os erros ortográficos ocorridos em “suceso” e “trás” constituem simples falha de revisão da matriz, devendo ser corrigidos sem prejuízo do texto. Já o emprego de inicial maiúscula em “Amor” merece atenção.

Embora contrária à determinação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, é compreensível a opção por inicial maiúscula na palavra “amor”, no texto *Canto do oriente*.

É comum o emprego de inicial maiúscula como forma de realçar o termo ou imprimir valor ao conteúdo da palavra. Dessa forma, duas podem ter sido as razões que levaram o autor a empregá-la. Por um lado, o recurso destaca a palavra, conferindo-lhe importância no contexto, estratégia perfeitamente compreensível em razão do gênero discursivo: folheto publicitário. As questões relativas ao amor costumam ser foco de atenção das pessoas e um dos aspectos da vida que mais suscitam insegurança, ansiedade, frustração, etc., constituindo, por isso mesmo, um dos principais motivos de procura dos serviços de “videntes”.

Por outro lado, a palavra “amor” tem uma “aura” de beleza e sublimidade, que “desarma” e conquista o leitor. O emprego da maiúscula pode reforçar essa percepção, imprimindo maior valor moral ao termo.

Uma vez mais, tendo em vista o gênero discursivo em que ocorre, considero aceitável a opção do autor e desnecessária a alteração na grafia.

4 PROPOSTAS DE REVISÃO DOS TEXTOS EM ESTUDO

Neste capítulo, apresentarei duas propostas de revisão para cada um dos dois textos analisados, uma baseada nas regras da gramática prescritiva; outra apoiada no conceito de gênero discursivo.

As revisões sugeridas são a síntese dos casos analisados no decorrer do trabalho apresentada em textos com *layouts* semelhantes aos dos originais.

4.1 Baseada nas normas gramaticais

VIDENTE DO AMOR

DONA JANAINA

FAÇO O QUE AS OUTRAS SÓ PROMETEM

Se você está com dificuldades na sua vida como: DESÂNIMO; IMPOTÊNCIA SEXUAL, FRIEZA E OUTRAS DOENÇAS; PROBLEMAS COM FILHOS, SÓCIOS OU INIMIGOS OCULTOS; DIFICULDADES NO AMOR, NO COMÉRCIO, OU NAS FINANÇAS; TRABALHOS FEITOS, dou solução para os seus problemas e garantia com seriedade dos meus trabalhos.

Faço simpatias p/ todos os fins, amarração p/ o amor, rezas e benzimentos para abertura dos caminhos e corte de olho grande; curas espirituais para nervosismo e insônia.

Trago seu amor a seus pés! Apaixonado e amarrado. Para sempre!
Abro os caminhos da sorte e garanto sucesso para os bons negócios.

JOGO BÚZIOS E CARTAS.

Dona Janaina faz todos os tipos de trabalho. Traz a pessoa amada em poucos dias.
Não precisa falar nada, ela fala tudo.

CONSULTA COM HORA MARCADA!!!

QNB 4 CASA 38 TAG. CENTRO FONE: 3351-0526

(DESCENDO A LOJA EVEREST)

Canto do Oriente

A ÚNICA VIDENTE DO DF CEM POR CENTO PRECISA.

Simpatias, benzimentos, rezas e trabalhos
para todos os fins, inclusive para o amor.

RESULTADOS RÁPIDOS E GARANTIDOS.

Qualquer que seja o seu problema
com uma só consulta a
IRMÃ VICTÓRIA resolverá.

Traz a pessoa amada em três dias.

Joga runas, cartas, búzios e tarô das bruxas.

NÃO COBRA TRABALHOS

QNE 26 LOTE 14 AP. 102 AV. COMERCIAL NORTE TAG.

(EM CIMA DA LOJA DA ATLÂNTIDA MÓVEIS)

3355-2873

4.2 Baseada no conceito de gênero discursivo

VIDENTE DO AMOR

DONA JANAINA

FAÇO O QUE AS OUTRAS SÓ PROMETEM

Se você está com problemas na sua vida como: DESÂNIMO, DOENÇAS, IMPOTÊNCIA SEXUAL, FRIEZA, PROBLEMAS AMOROSOS, CASAMENTO EM DECADÊNCIA, FILHOS PROBLEMÁTICOS, MÁIS CONDIÇÕES FINANCEIRAS, PROBLEMAS COM SÓCIOS OU NO COMÉRCIO, INIMIGOS OCULTOS, TRABALHOS FEITOS, dou solução para os seus problemas e garantia com seriedade dos meus trabalhos. Faço simpatias p/ todos os fins, amarração p/ o amor, curas espirituais para nervosismo e insônia, rezas e benzimentos para abrir caminhos e cortar olho grande. Trago seu amor a seus pés! Apaixonado e amarrado. Para sempre! Abro os caminhos da sorte e garanto sucesso para os bons negócios.

JOGA-SE BÚZIOS E CARTAS.

Dona Janaina faz todos os tipos de trabalho. Traz a pessoa amada em poucos dias.
Não precisa falar nada, ela fala tudo.

CONSULTA COM HORA MARCADA!!!

QNB 4 CASA 38 TAG. CENTRO FONE: 3351-0526

(DESCENDO A LOJA EVEREST)

Canto do Oriente

A ÚNICA VIDENTE DO DF COM 100% DE ACERTO.

Simpatias, benzimentos, rezas e trabalhos
para todos os fins, inclusive para o Amor.

RESULTADOS RÁPIDOS E GARANTIDOS.

Qualquer que seja o seu problema
com uma consulta só a
IRMÃ VICTÓRIA resolverá.

Traz a pessoa amada em 3 dias.

Joga-se runas,
tarô das bruxas,
cartas, búzios.

NÃO COBRAMOS TRABALHOS
QNE 26 LOTE 14 AP. 102 AV. COMERCIAL NORTE TAG.
(EM CIMA DA LOJA DA ATLÂNTIDA MÓVEIS)

3355-2873

CONCLUSÃO

Do revisor esperam usualmente as pessoas não afeitas aos estudos lingüísticos o que consideram “correção” de texto, ou seja, uma tarefa simples — termo muitas vezes empregado por elas —, restrita à adequação do texto às regras gramaticais da norma padrão da língua. Tal concepção, bastante superficial, desconhece a real complexidade da tarefa, que em verdade demanda, além de conhecimento gramatical, percepção lingüística apurada e bom senso. Essa a questão de fundo do presente estudo, que se propôs a analisar a necessidade de flexibilização do erro no trabalho de revisão de texto a partir do conceito de gênero textual, ou discursivo.

Desenvolvida inicialmente por Bakhtin, a noção de gênero discursivo como “tipo relativamente estável” de enunciado, verbal e não verbal, influenciou sobremaneira diversas áreas das ciências humanas com sua visão amplificada do uso da linguagem como instrumento de ação do homem na sociedade.

A idéia de uso da língua como prática social propiciou o desenvolvimento de uma visão menos preconceituosa das variedades de língua ao relacionar diferentes escolhas lingüísticas, gramaticais, lexicais e fraseológicas, ao contexto de manifestação do enunciado e ao objetivo do locutor. Com a reunião, em gêneros textuais, de enunciados semelhantes em características próprias do campo de atividade humana em que ocorrem, Bakhtin propiciou a flexibilização da noção de bom e ruim em língua, usualmente baseada nas normas da gramática da variedade padrão. Ao menos para alguns estudiosos, o correto pôde abrigar o adequado, o funcional, o eficaz, subordinando a língua ao homem, e não este àquela.

A análise dos textos *Vidente do amor* e *Canto do oriente* com base no conceito acima exposto revelou efeitos provocados por escolhas lingüísticas feitas pelos autores, consciente ou inconscientemente, que não seriam percebidos fosse obedecida cegamente a prescrição gramatical. Demonstrou-se a complexidade da tarefa do revisor para quem se provou imperiosa a aquisição de conhecimentos não apenas gramaticais, mas também lingüísticos e culturais, a fim de evitar intervenção que desfigure o texto, corrompa o sentido ou invalide estratégias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de questões vernáculas**. São Paulo: Caminho Suave, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. RJ: Jorge Zahar, 2000.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de lingüística**. SP: Cultrix, 2001.

GARCIA, Oton Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1981.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0**. Editora Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. RJ: Lucerna, 2002.

Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Disponível em: <www.academia.org.br>. Acesso em: 25 set. 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhos de poodle**: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. SP: Mercado de Letras, 2004.